

TRATADO DOS MILAGRES

INTRODUÇÃO

O verdadeiro objectivo do Capítulo de Génova de 1244 seria o de fazer uma recolha dos milagres e graças operadas por São Francisco em vida ou, por sua intercessão, depois da sua morte. Além da importância que a piedade medieval dava aos milagres, os milagres redundavam em fama para o Santo e em prestígio e apologia para a Ordem, por aparecerem como inequívoca aprovação de Deus. Não obstante, Celano limitara-se a incluir um ou outro na Vida Segunda, conforme ao correr da pena surgia, aqui ou ali, a oportunidade¹. Daí que os irmãos e os superiores da Ordem continuassem instando com ele para que voltasse a tomar a pena para preencher a lacuna.

Esta insistência, sobretudo por parte dos Superiores, nomeadamente do Beato João de Parma, é mais alguma coisa que o desejo de interpretar a piedade geral dos irmãos. É também a preocupação de fazer aceitar, por parte de alguns sectores da Igreja, a existência e a acção apostólica da Ordem e, possivelmente, o desejo de incendiar nos irmãos a mística dessa «tão celebrada quão famosa missão na Igreja e na sociedade reservada por Deus à Ordem Franciscana».

Circunstâncias da composição

Neste sentido soa, com efeito, o primeiro capítulo. O grande prodígio do século é precisamente o «nascimento da nova Ordem, a fecundidade da que era estéril, a geração duma descendência de tantas e variadas gentes»². Prodígio com o qual o mundo foi «advertido, sacudido e como que atemorizado»³. «Acaso havemos de menoscar – insiste à frente Celano – a retumbante missão das duas Ordens e não a ter como presságio de um próximo aconteci-

¹ Cf. 2C Prol. 2

² 3C 1.

³ 3C 1. As críticas veladas que Celano faz parecem dirigir-se contra o clero secular, e supõe os ataques de que a Ordem era alvo da parte de alguns sectores.

mento grandioso?»⁴. Celano sabe que há gente incomodada, «aterrorizada» com a Ordem Franciscana. Aqui e ali insinua uma ou outra crítica mordaz contra esses inimigos, e não receia embarcar na crença visionária de que algo está para acontecer. Era o momento histórico de João de Parma. Este capítulo revela a intencionalidade da obra. Lida nesta perspectiva, permite-nos fazer uma ideia do clima que São Boaventura encontrou, quando pouco depois assumiu o governo da Ordem. O ambiente de conflito e o visionarismo que este Tratado deixa entrever irá exigir a Legenda Maior.

Sobre o clima interno da Ordem, parece-nos também muito significativo o último parágrafo do livro. Por ele se pode imaginar a proliferação de ideias e tendências, e as pressões que Celano recebia dum e doutro lado. Depois de, com certa cerimónia, se sobrepor às críticas que fizeram ao que antes escrevera sobre o santo Pai, porque é «absurdo submeter aos juízos humanos o que foi corroborado com prodígios divinos», conclui: «Não podemos fazer todos os dias coisas novas, nem transformar em quadrado o que é redondo, nem adaptar à múltipla e complexa variação dos tempos e das vontades aquilo que recebemos como única verdade num determinado momento. Se nos lançamos a este trabalho, metendo-nos por entre matéria tão rica e vasta, não foi certamente para satisfação da vaidade ou por nosso próprio alvedrio, antes a ele nos forçaram os insistentes rogos dos irmãos e a autoridade dos superiores que nos intimaram a levá-la a cabo»⁵.

Outro mérito tem ainda esta obra. Permite-nos constatar a presença do culto de São Francisco por toda a Europa e no próximo Oriente a meio do séc. XIII. Prova disso é a difusão por toda a parte de igrejas ou imagens dedicadas ao «estigmatizado» do Alverne.

Desaparecido após o decreto de 1266, só em 1899 apareceu o Tratado dos Milagres, num único manuscrito! Foi editado a primeira vez pelo bolandista F. VAN ORTROY e depois reeditado pelos padres de Quaracchi⁶. Que saibamos, é a primeira vez que é traduzido em português.

⁴ 3C 1.

⁵ 3C 198.

⁶ AF X p. 269-331.

TRATADO DOS MILAGRES DE SÃO FRANCISCO (3C)

CAPÍTULO I

O seu mais belo milagre: a fundação da Ordem

1. ¹No primeiro capítulo desta narração, em que nos propomos relatar os milagres do nosso santíssimo pai Francisco, pareceu-nos justo salientar, antes de qualquer outro, o solene prodígio com o qual o mundo foi advertido, sacudido e aterrorizado. ²Refiro-me ao nascimento da Ordem, à fecundidade da que era estéril⁷, à geração de uma descendência de inúmeras e variadas gentes.

³Afundava-se o velho mundo no atoleiro dos vícios, as várias classes da Igreja⁸ dormiam insensíveis aos exemplos dos Apóstolos; dir-se-ia que a noite alta do pecado havia imposto silêncio ao sagrado magistério. Inesperadamente, porém, surge de entre os homens um homem novo e, ante o súbito rompante de um novo exército e os sinais de uma renovada era apostólica, enchem-se os povos de imenso pasmo. ⁴Após prolongado eclipse, emerge em plena luz a já sepultada perfeição da primitiva Igreja, de que o mundo ouvia dizer maravilhas, mas de que não via exemplos.

⁵Como não havemos de chamar primeiros ao últimos, quando, maravilhados, vemos o coração dos pais palpitar no dos filhos e o dos filhos, no dos pais⁹? ⁶Acaso havemos de menoscabar a retum-

⁷ 1Sm 2, 5.

⁸ A Idade Média tinha uma consciência muito viva destas classes ou *ordines* que estruturavam a sociedade eclesial: clérigos, monges e cónegos constituíam as três ordens principais; a elas se juntavam as dos penitentes, dos peregrinos, das viúvas, dos soldados e dos cruzados. Julgava-se que a cada uma destas categorias correspondia uma vocação pessoal, um chamamento particular de Deus ao serviço da Igreja. As *Ordens Terceiras* vieram somar-se à nomenclatura, e definiram-se não como um estado de vida ou uma actividade determinada, mas como uma «profissão» ou consagração de toda uma vida a Deus.

⁹ MI 4, 6.

bante missão de duas Ordens¹⁰ e não as ter como presságio de um próximo acontecimento grandioso¹¹? ⁷ De facto, desde o tempo dos Apóstolos, jamais foi dada ao mundo uma lição tão autorizada e de semelhante magnitude.

⁸ Admirável, na verdade, a fecundidade da estéril. ⁹ Estéril, repito e árida, esta Religião pobrezinha, porque não conhece os solos irrigados dos bens terrenos, ¹⁰ porque não ceifa, não enceleira, nem leva para o caminho do Senhor alforges abarrotados. ¹¹ E, não obstante, esperando contra toda a esperança¹², este Santo acreditou na promessa de vir a ser herdeiro do mundo¹³. Que importava o seu corpo exausto e a esterilidade de Sara¹⁴, se estava certo de que o poder divino faria nascer dela todo um povo de Hebreus?¹⁵

¹² Na verdade, este povo não se sustenta com bem fornecidas despensas, com armazéns abarrotados, com latifúndios a perder de vista, antes recebe miraculosamente o seu alimento, neste mundo, da mesma pobreza que o torna digno do céu. ¹³ Ó fraqueza que vem de Deus, mais forte que a humana fortaleza, de quanta glória fazes brilhar a nossa cruz, quanta riqueza ofereces à nossa indigência!

¹⁴ Vimos, enfim, dilatar-se em pouco tempo esta vinha e estender os seus ramos de mar a mar¹⁶. ¹⁵ De toda a parte afluíram em tropel multidões de homens e, como por encanto, reuniram-se as pedras vivas para a construção deste magnífico templo. ¹⁶ E não só a vimos aumentada em tão pouco tempo com o número de seus filhos, como a vimos também glorificada, pois sabemos que muitos deles conseguiram a palma do martírio¹⁷ e alguns figuram hoje

¹⁰ Impossível saber se o autor pretende referir-se às duas primeiras Ordens de S. Francisco (Irmãos Menores e Clarissas) ou se tinha em mente a dos Irmãos Menores e dos Irmãos Pregadores.

¹¹ Alusão ao acontecimento esperado pelos joaquimitas, mesmo no interior da Ordem?

¹² Rm 4, 18.

¹³ Rm 4, 13.

¹⁴ Rm 4, 19.

¹⁵ LM 7, 9. Retomam-se os temas da peregrinação, do maná e da caminhada para a Jerusalém celeste.

¹⁶ SI 79, 12.

¹⁷ Cinco irmãos menores foram martirizados em Marrocos a 16 de Janeiro de 1220; outros oito a 10 de Outubro de 1227 em Ceuta; dois outros, ainda, em Valência, em 1231. Cf. 2C 208.

no catálogo dos Santos, mercê do testemunho perfeito de uma santidade plena¹⁸.

¹⁷ Posto isto, voltemos àquele que é a cabeça de todos. É dele que desejamos ocupar-nos.

CAPÍTULO II

O milagre dos estigmas e a maneira como o Serafim lhe apareceu

2. ¹ O homem novo, Francisco, tornou-se famoso graças a um novo e estupendo milagre: por um privilégio singular jamais concedido nos séculos precedentes, apareceu assinalado (melhor diríamos condecorado) com os sagrados estigmas que o tornaram semelhante, em seu corpo mortal, ao corpo do Crucificado¹⁹. ² Tudo quanto se possa humanamente dizer a seu respeito ficará sempre aquém do louvor de que é digno. ³ Inútil buscar razões para um tal prodígio, porque de milagre se trata; inútil buscar precedentes no passado: é único. ⁴ Todo o zelo do homem de Deus, quer em relação aos outros, quer no segredo da sua vida íntima, se centrava na cruz do Senhor. Desde o primeiro instante em que militou sob o estandarte do Crucificado, já a cruz tinha impresso na sua vida a chancela do seu mistério.

⁵ Com efeito, quando, nos alvares da sua conversão, decidido já a dar de mão aos prazeres do mundo, se encontrava um dia em oração, Cristo fala-lhe do lenho da cruz, fazendo descer até ele, da boca da própria imagem, estas palavras: ⁶ «Vai, Francisco, e repara a minha casa que, como vês, está prestes a ruir». ⁷ A partir desse momento, a recordação da paixão do Senhor ficou-lhe para sempre impressa no mais fundo do coração, e, realizada plenamente a sua conversão interior, sentia a alma desfalecer todas as vezes que lhe falava o Bem-amado²⁰.

¹⁸ Santo António de Lisboa (canonizado em 1232); o Beato Rogério de Todi; Santa Isabel de Hungria (canonizada em 1235).

¹⁹ Rm 7, 24.

²⁰ Ct 5, 6.

⁸Não terá ele querido refugiar-se na cruz, ao escolher uma veste que lhe reproduzia a forma? Se bem que uma tal veste lhe quadrasse tanto melhor quanto maiores eram os seus anseios de pobreza, ela diz-nos igualmente, com total transparência, que o mistério da cruz encontrou nele cabal realização: ⁹ assim com a sua mente se tinha revestido do Senhor crucificado²¹, ¹⁰ assim todo o seu corpo se revestia exteriormente da cruz de Cristo; e tal como Deus vencera as potestades rebeldes com este signo, de igual modo, sob o mesmo signo, militaría o seu exército ao serviço de Deus.

3. ¹ Uma cruz de ouro, saída da boca do santo Pai e abraçando o mundo inteiro, tal foi a visão de Silvestre, um dos primeiros irmãos e homem de uma exemplaridade a toda a prova. ² Escreveu-se também, e foi depois testemunhado em relato fidedigno, como frei Monaldo, insigne pela pureza de costumes e prática de virtudes, viu com os próprios olhos a São Francisco crucificado, durante um sermão de Santo António sobre a cruz²².

³ Ele próprio tinha por costume, que depois prescreveu aos primeiros filhos, tributar às imagens da cruz, onde quer que as visse, a honra e reverência que lhes é devida²³.

⁴ O signo *Tau* tinha a sua preferência sobre qualquer outro signo: utilizava-o como única assinatura em suas cartas e pintava-o nas paredes de todas as celas²⁴. ⁵ E o homem de Deus que se chamou Pacífico, favorecido com visões celestes, viu com os próprios olhos, na frente de São Francisco, um grande *Tau* multicolor que resplandecia com fulgurações de ouro.

⁶ Nada surpreende, pois, nem aos olhos da razão nem aos da fé, que a cruz, objecto de tanto amor, tenha por sua vez proporcionado a Francisco tanta honra e distinção. ⁸ Por isso, nada mais verídico e natural do que tudo quanto nos foi relatado acerca dos estigmas.

²¹ Gl 3, 27; 6, 14.

²² 1C 48.

²³ 1C 45.

²⁴ 3C 159; 2C 49. Este signo aparece igualmente na BL.

4. Eis como se deu a aparição... (= 1C 94-95)²⁵

5. ¹Dois anos passaram, e Francisco, morrendo serenamente, troca este vale de lágrimas pela pátria bem-aventurada. A fama do extraordinário milagre chega aos ouvidos do povo, e todos, à uma, acorrem louvando e glorificando o nome do Senhor. ²Toda a cidade de Assis e as gentes todas da vizinhança se precipitam, ávidas de poderem contemplar o espectáculo inaudito que Deus acabava de operar neste mundo. ³A singularidade do milagre transforma o pranto em júbilo e a visão dos olhos corporais em arrebatamento extático. ⁴Contemplam o santo corpo aformoseado com as chagas de Cristo, e o que nele vêem não são as feridas dos cravos nas mãos e nos pés, mas os mesmos cravos maravilhosamente formados da própria carne por virtude divina, ou melhor, como que florescidos dela, de tal modo que uma ligeira pressão exercida de um lado os fazia sobressair do outro, como se de um único músculo se tratasse. ⁵Contemplavam igualmente o lado direito rubro de sangue.

⁶O que afirmamos, vimo-lo. Tocámos com as nossas mãos o que as nossas mãos aqui descrevem. Com os olhos banhados de lágrimas, acariciámos o que os nossos lábios atestam; o que uma vez jurámos com a mão posta sobre os objectos sagrados²⁶ nós o proclamamos a toda a hora como verdadeiro. ⁷Vários irmãos nossos já tinham visto estas chagas em vida do Santo, mas foram mais de cinquenta, além de incontáveis seculares, os que na sua morte puderam venerá-las. ⁸Não haja pois lugar para incertezas; ninguém ponha em dúvida esta graça do Amor eterno. ⁹Praza a Deus sejam muitos os que, pelo contrário, se unam com igual amor seráfico à cabeça que é Cristo, membros que d'Ele são, e assim mereçam uma semelhante armadura nas batalhas desta vida e uma glória semelhante no reino dos céus. ¹⁰Quem, estando no seu perfeito juízo, ousará negar que tudo isto redunde em maior glória de

²⁵ Aqui se retoma provavelmente 1C 94-95, mas, enquanto é mantido integralmente o testemunho de Frei Rufino, é silenciado o do Frei Elias.

²⁶ Refere-se provavelmente ao juramento ritual prestado no processo de canonização.

Cristo? ¹¹ Possa o castigo infligido aos incrédulos servir de escarmento aos tíbios e dar novo alento aos devotos.

6. ¹ Havia em Potenza, cidade do reino da Apúlia, um clérigo chamado Rogério, homem respeitável e cônego da Igreja matriz. ² Atribulado com uma já longa enfermidade, entrou um dia numa igreja onde havia um quadro de São Francisco estigmatizado²⁷ e foi prostrar-se reverentemente diante dele a implorar a saúde perdida. ³ Porém, ao fixar os olhos nas chagas do Santo, mete-se a divagar por entre pensamentos vãos, ⁴ não repelindo com a conveniente presteza o aguilhão da dúvida, que insidiosamente se lhe insinua no espírito. ⁵ Feito juguete do velho adversário, começa-lhe o coração a turbar-se e a dizer para consigo: «Será que este Santo foi realmente objecto de tamanho prodígio, ou tratar-se-á de piedosa ilusão da parte dos seus? ⁶ Foi certamente – acoitava a dúvida – uma encenação habilidosa, uma pura invencionice, uma fraude urdida pelos irmãos. ⁷ Isto transcende os limites do entendimento humano; está em contradição com os elementos exigentes da sã razão».

⁸ (Que demência a tua, santo de Deus! ⁹ Quanto mais profundo era o mistério, tanto mais humildemente o havias de venerar! Um pouco de reflexão e terias compreendido como é fácil a Deus renovar constantemente o mundo com novos milagres e operar entre nós, para sua maior glória, maravilhas que em outros tempos não realizou).

¹⁰ Estava o cônego mergulhado nestas lucubrações quando Deus abriu nele uma dolorosa chaga que o havia de ensinar, pelo sofrimento, a não ser blasfemo. ¹¹ Com efeito, sentiu-se de repente atingido na palma da mão esquerda (era esquerdino) e ouviu ao mesmo tempo como que o silvo duma seta disparada do arco. ¹¹ Atormentado com dores e surpreendido com o estranho silvo, retira imediatamente a luva que trazia calçada e, ¹² não tendo feito antes qualquer golpe, vê na palma da mão uma chaga que se diria aberta por uma seta e lhe causou uma febre tão alta que julga che-

²⁷ Conhecem-se várias representações pictóricas de S. Francisco estigmatizado anteriores a 1250.

gado o derradeiro momento. ¹³ Porém, coisa pasmosa, não se via na luva o mais pequeno rasgão, como a dar-lhe a entender que a ferida oculta debaixo da luva era castigo simbólico da que se lhe ocultava no fundo da alma.

7. ¹ Durante dois dias, sob o efeito de cruciante dor, geme e grita. ² Confessa a quem o deseja ouvir a incredulidade do coração; protesta acreditar firmemente que São Francisco teve chagas verdadeiras e jura estarem já desvanecidas todas as dúvidas e suspeitas. ³ Pede com insistência ao Santo que, pelas suas sagradas chagas, o socorra, e junta às repetidas súplicas a oferta de lágrimas abundantes. ⁴ E um novo milagre surge! Desvanecida a incredulidade, à cura da alma vem juntar-se a do corpo. ⁵ Cessa a dor, baixa a febre, a ferida cicatriza sem rasto. ⁶ Humilha-se o nosso homem diante de Deus, torna-se fiel devoto do Santo e liga-se para sempre à Ordem dos irmãos por estreita amizade.

⁷ Tão portentoso prodígio foi testemunhado e confirmado sob juramento, inclusivamente pelo bispo do lugar. ⁸ Seja para sempre bendita a admirável potência de Deus, que na cidade de Potenza realizou tão maravilhosas coisas²⁸.

8. ¹ É costume das nobres matronas romanas, viúvas ou desposadas, sobretudo daquelas cuja fortuna consente o privilégio da generosidade e Cristo impregna com seu amor, terem em suas casas um quarto ou oratório para rezar e, nele, algum quadro ou efigie do Santo da sua particular devoção. ² Ora uma destas damas, que aliava a excelência da virtude à nobreza do sangue, tinha recolhido São Francisco para patrono ³ e possuía no seu oratório privado, onde em segredo orava ao Pai, um quadro com uma imagem sua. ⁴ Um dia, enquanto rezava, procurando ela atentamente com os olhos os sagrados estigmas e não os vendo representados, afligiu-se e maravilhou-se ao mesmo tempo. ⁵ A verdade, porém, é que não tinha de que se espantar, pois não podia ver na pintura aquilo que o artista não tinha pintado. ⁶ Durante vários dias guarda

²⁸ Jogo de palavras a partir do vocábulo latino *potentia*, que, no caso vertente, tanto exprime a cidade de Potenza como o poder de Deus.

no coração esta pena, sem a manifestar a ninguém. Volta e meia, corre a espreitar a imagem que, todavia, lhe reserva sempre o mesmo desgosto. ⁷ Até que, um dia, de um momento para o outro, esses maravilhosos sinais aparecem nas mãos do Santo talqualmente as vemos nas outras imagens, dessa forma suprimindo o divino poder aquilo que fora esquecido pela arte humana.

9. ¹ Colhida de surpresa e a tremer, chama imediatamente a filha, que seguia de perto a mãe em suas devotas práticas, e, pondo-a ao corrente do sucedido, insistentemente lhe pergunta se acaso tinha reparado bem que a imagem não tinha chagas. ² Jura e trejura a jovem que antes as não tinha e agora as tem. ³ Todavia, como a razão humana frequentemente busca com que se enredar e põe em causa a própria evidência, de novo se insinua no coração da dama esta dúvida corrosiva: «não estariam as chagas pintadas já desde o princípio?» ⁴ Em resposta, Deus, com o seu poder, acrescentou um segundo milagre para que não fosse menosprezado o primeiro: subitamente, desapareceram as marcas das chagas e o quadro ficou sem elas. ⁵ Assim, mercê de um novo prodígio, foi confirmado o prodígio anterior.

⁶ Eu mesmo conheci esta dama, que era casada e senhora de grande virtude. Mais: sob as vestes seculares, nela reconheci uma alma verdadeiramente consagrada a Cristo Senhor.

10. ¹ Já desde o despertar, a razão humana se deixa embair com grosseiras sensações e falaciosas fantasias, a ponto de envolver na dúvida, por força da imaginação inquieta, aquilo mesmo em que sempre deveria firmemente acreditar. ² Por isso, não só nos custa aceitar os factos maravilhosos da vida dos santos, como a nossa fé encontra não poucos tropeços no tocante às verdades da salvação.

³ Um frade da Ordem dos Menores, pregador por officio e homem de vida íntegra, estava firmemente convencido do milagre dos sagrados estigmas, mas, um dia, ou pela impossibilidade de se elevar acima da banalidade quotidiana ou aturdido com tão extraordinário evento, começa a ser aguilhoado pela dúvida. ⁴ Fácil nos é imaginar a luta que se travou naquele espírito: de um lado, a razão defendendo as posições da verdade; do outro, a fantasia sugerindo sempre o contrário. ⁵ A razão, roborada em bastos argu-

mentos, estabelece que é mesmo assim, como se diz, e, mesmo que provas não tivesse, apoiar-se-ia na verdade proposta pela santa Igreja. ⁶Do lado oposto, conspira contra a credibilidade do milagre a aparência das coisas e não a sua realidade, pretextando serem elas contrárias às leis da natureza e nunca se terem ouvido semelhantes nos séculos passados. ⁷Um dia, ao anoitecer, assoberbado por este conflito interior e sempre espostejado entre a razão vacilante e a imaginação atrevida, volta à cela e, ⁸durante o sono, aparece-lhe S. Francisco, pés enlameados, que lhe diz com humilde rudeza e contido agastamento: ⁹«Que lutas e dúvidas são essas na tua alma? Vê as minhas mãos e os meus pés!» ¹⁰O irmão, que via as mãos atravessadas pelos cravos, não via as chagas dos pés enlameados. ¹¹«Retira-me a lama dos pés e verás o lugar dos cravos» – insistiu Francisco. ¹²O irmão, continuando a sonhar, debruça-se sobre os pés do Santo, limpa-os da lama e toca-lhe no lugar dos cravos. ¹³Acordado em seguida, rompe a chorar e reencontra na confissão pública a pureza da alma, enlameada, por assim dizer, com a lama da dúvida.

11. ¹Não se pense que as sagradas chagas do invicto cavaleiro de Cristo são apenas o sinal de uma especial prerrogativa, ou privilégio de um amor supremo. Foram também armas poderosas ao serviço de Deus, como o demonstra à evidência um milagre sem precedentes ocorrido em Espanha, no reino de Castela.

²Havia dois homens que andavam ferozmente divididos por velha contenda e um ao outro se odiavam implacavelmente. Nada conseguia acalmar-lhes a fúria ou pôr cobro, um instante sequer, às mútuas injúrias e ressentimentos, enquanto um deles não fosse suprimido selvaticamente pelo outro. ³Na impossibilidade de se desagravarem com um assassínio público, vestindo cada qual uma couraça, um ao outro estendiam constantes ciladas, fazendo-se acompanhar dos respectivos espadachins. ⁴Certa tarde, caída já a noite, calhou a certo homem de vida e fama irrepreensíveis passar pela rua onde um deles tinha armado uma emboscada para matar o rival. ⁵Passava já da hora de completas quando este bom homem, aligeirando o passo, se dirigia, como de costume, à igreja dos Irmãos Menores, movido pela muita devoção que tinha por S. Francisco. E foi esse, exactamente, o momento escolhido pelos

filhos das trevas para se abaterem sobre o filho da luz. ⁶Cuidando ter nas mãos a vítima que ansiosamente espreitavam, caem sobre ele de todos os lados com punhais e deixam-no meio morto. ⁷Finalmente, o chefe do bando enterra-lhe fundo o punhal na garganta e, incapaz de o retirar, deixa-lho espetado.

12. ¹Acode gente das redondezas, e não há quem não chore a morte do inocente. ²Tinha ainda o pobre um ténue fio de vida, e os médicos, na esperança de que ele viesse a revelar alguma coisa, ao menos por sinais, foram de parecer que não convinha retirar logo o punhal da garganta. ³Durante toda a noite, até à hora de Matinas, empenharam-se os médicos em lhe estancar o sangue e curar as feridas, mas, como nada conseguissem, por serem muitas e profundas, desistiram de o tratar. ⁴Com os médicos, estavam também à cabeceira os Irmãos Menores, muito penalizados do último suspiro do amigo.

⁵Neste entretempo, toca a sineta dos irmãos para matinas. ⁶Ao ouvi-la, a esposa do ferido corre ao leito do marido e diz-lhe: «Meu amo e senhor, levantai-vos, que já o sino vos chama para matinas». ⁷Imediatamente aquele que todos julgavam moribundo solta dois profundos suspiros, tenta balbuciar algumas palavras entrecortadas e leva a mão ao punhal enterrado na garganta, como a pedir que lho tirem. ⁸Coisa espantosa: o punhal voa imediatamente pelos ares e, como se alguém o arremessasse com força, vai cravar-se na porta do quarto. ⁹Levanta-se o homem como quem desperta de um sono e, já inteiramente refeito, exalta os prodígios de Deus.

13. ¹Tão aturdidos ficaram os presentes, que se julgaram vítimas de alucinações. ²Mas o homem, já curado, exclamou: «Não temais, nem penseis ser alucinação o que estais vendo. S. Francisco, de quem sempre fui devoto, acaba de sair daqui e foi ele quem me curou. ³Veio até junto de mim e aplicou cada uma das suas sacratíssimas chagas a cada uma das minhas feridas. ⁴A sua suavidade foi uma carícia e o seu contacto quanto bastou para mas cicatrizar. Porém, deixou-me ainda o punhal na garganta. ⁵Na impossibilidade de falar, fazendo-lhe eu sinais a pedir que mo tirasse, pois grande era o perigo de morte iminente, ⁶ele, arran-

cando-o, arremessou-o com força, como acabais de ver. ⁷Depois acariciou-me a garganta golpeada, como fizera antes às outras feridas, e tão perfeitamente a curou, que a carne atingida em nada se diferencia da que nunca foi tocada».

⁸Quem não ficará assombrado com isto? E quem ousará sustentar que não foi Deus o autor e artífice dos estigmas e de toda esta sequência de milagres?

CAPÍTULO III

O poder que teve sobre as criaturas insensíveis e em especial sobre o fogo

14. A cauterização sem dor (= 2C 166).
15. A água que brotou da rocha (= 2C 46).
16. A fonte milagrosa de Gagliano (= LM 10,1).
17. A água mudada em vinho, em Santo Urbino (1C 61).
18. A epizootia do vale de Rieti (= LM 13, 6).
19. Pães benzidos que curam enfermidade (= 1C 63) Tempestades e granizos afastados (= 2C 35-36). Poderes milagrosos do seu cordão (=1C 64); retalhos de seu hábito (=1C 63); e do feno da gruta de Greccio (= 84-87).

CAPÍTULO IV

Poder que teve sobre as criaturas sensíveis

20. Sermão aos pássaros, em Bevanha (= 1C 58)
21. Silêncio imposto às andorinhas, em Alviano (= 1C 59).
22. O mesmo milagre operado em seu nome, em Parma (= LM 12,5).
23. Diálogo e oração com um pássaro, no lago de Rieti (= 2C 167).
24. Idêntica cena com um peixe, no mesmo lago (= 1C 61).
25. O falcão que despertava para matinas (= 2C 168).
26. O faisão domesticado (= 2C 170).

27. A cigarra que cantava com ele na Porciúncula (= 2C 171).
 28. As abelhas que fazem o mel na sua bilha (=2C 169).
 29. A lebre amansada, em Greccio (1C 60).
 30. A mesma cena com um coelho, no lago de Perúsia (= 1C60).
 31. Um rebanho de ovelhas festeja-o no caminho de Sena para Espoleto (=LM 8,7).
 32. Revoada de andorinhas na tarde da sua morte (= LM 14,6).

CAPÍTULO V

Como a bondade de Deus se punha à disposição de Francisco

33. Multiplicação de víveres durante uma travessia (=1C 55).
 34. De regresso de Espanha, Deus sustenta-o com uma ave (=1C 56).
 35. Dá-lhe Deus com que se cobrir, em Rieti (=2C 43).
 36. Multiplicação de víveres em favor do seu médico (=2C 44)

CAPÍTULO VI

A senhora Jacoba de Settesoli

37. ¹Jacobba de Settesoli, dama romana tão nobre como santa²⁹, tinha merecido o privilégio de uma particular afeição do santo Pai. ²Não vou repetir aqui, em seu louvor, os altos predicados que a assinalaram: a sua ilustre linhagem, as glórias de família, as muitas riquezas, nem, enfim, a maravilhosa perfeição das suas virtudes e a vida exemplar que manteve na prolongada viuvez.

³Interessa-nos apenas referir o que sucedeu poucos dias antes da morte do Santo. Prostrado já o bendito Pai naquela enfermidade

²⁹ Era de origem normanda e vivera casada com Graciano de Settesoli. Travou amizade com S. Francisco em 1212. Tendo ficado viúva muito jovem ainda, viveu em Roma. Depois da morte de S. Francisco estabeleceu-se em Assis, onde foi tumulada na parede da escada que desce da basílica inferior para a cripta. Os Settesoli eram um ramo dos Frangipani. Tinham as suas propriedades entre o Palatino e o Circo Máximo.

que, travando o passo à dor, poria termo à feliz carreira de uma santidade exemplar, quis ele, poucos dias antes de morrer, enviar uma mensagem a Roma, à senhora Jacoba de Settesoli, a pedir-lhe que se apressasse, no caso de querer estar presente no regresso à pátria daquele a quem ela distinguira com tanta amizade, na sua condição de exilado. ⁴ Escrita uma carta³⁰, busca-se um mensageiro veloz e, achado ele, põe-se imediatamente a caminho. ⁵ No mesmo instante, porém, ouve-se à porta o ruído seco das ferraduras dos cavalos, a algazarra da soldadagem, o rumor, enfim, de uma luzida comitiva. ⁶ Um dos companheiros do Santo, precisamente aquele que acabava de dar ao estafeta as últimas instruções, corre à porta e defronta-se com aquela que em vão se buscava longe.

⁷ Vivamente surpreendido, corre para o Santo com alegria: «Pai, uma boa notícia!». E o Santo, cortando-lhe cerce a palavra, diz como única resposta: ⁸ «Bendito seja Deus, que trouxe até nós o nosso irmão Dona Jacoba! ⁹ Abri-lhe já as portas e deixai-a passar, que para o nosso irmão Jacoba não existe a prescrição que proíbe a entrada aqui a mulheres».

38. ¹ Toda a nobre comitiva se sente feliz e emocionada; logo, porém, essa alegria e consolação espiritual se converteria em pranto. ² Para que nada faltasse ao milagre, tinha a santa mulher trazido tudo quanto na carta se lhe pedia para as exéquias do Pai: ³ um pano cinzento para amortilhar o pobre corpo, uma porção de círios, um sudário para lhe cobrir o rosto, uma almofada para a cabeça e um daqueles deliciosos doces que tanto apreciava. Tudo quanto Francisco tinha desejado, tudo ali estava, inspirado por Deus à nobre senhora.

⁴ Mas prossigamos o relato desta peregrinação para consolação da ilustre peregrina, que de peregrinação se trata em boa verdade. Convencida da iminência do desenlace, já toda uma densa multidão, sobretudo a fervorosa população de Assis, se juntara aguardando o próximo nascimento para o céu do bem-aventurado Pai. ⁵ Todavia, com a chegada da piedosa senhora romana, o Santo pareceu reanimar-se e criou-se mesmo a ilusão de que a vida se lhe

³⁰ Não chegou até nós esta carta.

ia dilatar por mais algum tempo. ⁶Tanto assim que a nobre dama quis despedir o séquito e ficar apenas com os filhos e alguns escudeiros. ⁷Mas, taxativo, o Santo dissuadiu-a: «Não faças tal, que eu morrerei sábado; depois, partirás tu no domingo, com a tua gente».

⁹E assim aconteceu: aquele que servia valorosamente nas fileiras da Igreja militante fez a sua entrada na Igreja triunfante à hora prevista. ¹⁰Passo em silêncio a compacta afluência do povo, os cânticos de júbilo, o solene volteio dos sinos e todo um mar de lágrimas choradas; nada direi do pranto dos filhos, dos soluços dos amigos, dos suspiros dos companheiros. ¹¹Quero limitar-me a descrever como é que a nossa peregrina, para sempre privada do conforto do Pai, foi consolada.

39. ¹Desfeita em lágrimas, é chamada à parte pelo Vigário do Santo, que a faz entrar discretamente e lhe põe nos braços o cadáver do amigo, dizendo: «Ei-lo; aqui tens morto nos teus braços aquele que tanto amaste na vida». ²Chorando quentes lágrimas sobre o seu corpo exânime, redobra gemidos e soluços. ³Repete afectuosos abraços e beijos, ergue o sudário para contemplar o precioso receptáculo que tinha albergado um tesouro mais precioso ainda, com aquelas cinco pérolas das chagas engastadas pela mão do Todo-Poderoso, para maravilha do universo inteiro. ⁴De súbito, arrebatada por semelhante visão, invade-lhe o coração uma intensa alegria desconhecida, não obstante a morte do amigo. ⁵Logo ali ela sugere que se não esconda nem dissimule por mais tempo um tão inaudito milagre, antes seja resolutamente patenteado à contemplação de todos. ⁶E todos, imediatamente porfiando em admirar um semelhante espectáculo, comprovam cheios de assombro as maravilhas que Deus não concedera a nenhum outro povo³¹.

⁷Suspendo aqui a narração. Não desejo balbuciar o que não saberia descrever nem explicar. ⁸João Frangipani³², ainda um jovem na altura, futuro procônsul de Roma e conde do Sacro Palácio, atesta sob juramento e confirma espontaneamente, para confu-

³¹ SI 147, 20.

³² Ou João Frigia Pennate, o filho mais velho de Jacoba.

são dos cépticos, tudo quanto, em companhia de sua mãe, viu com os próprios olhos e tocou com as próprias mãos.

Confortada a peregrina com tão extraordinária graça, deixemos que ela volte à sua pátria, e passemos a outros factos, posteriores à morte do Santo.

CAPÍTULO VII

Os mortos ressuscitados pelos méritos de São Francisco

40. ¹Vou falar dos mortos ressuscitados pelos méritos do confessor de Cristo e peço aos leitores o favor da sua atenção. ²Para ser breve, omitirei muitos pormenores e passarei em silêncio as reacções e manifestações de testemunhas maravilhadas, anotando somente os factos milagrosos.

³Na aldeia de Monte Marano, perto de Benevento, uma dama de nobre linhagem, e mais nobre ainda pelas suas virtudes, tinha particular devoção a São Francisco e rendia-lhe um culto fiel e reverente. ⁴Caiu enferma, a enfermidade agravou-se em extremo e, por fim, seguiu também ela o caminho de toda a carne³³. ⁵Como tivesse morrido ao entardecer, foi o funeral adiado para o dia seguinte, a fim de dar tempo aos muitos familiares para se juntarem. ⁶À noite, com a chegada do clero para a celebração das exéquias, com ele comparece também uma multidão de homens e mulheres em oração. De repente, à vista de todos, levanta-se do leito a mulher, ⁷chama um dos sacerdotes presentes, seu padrinho, e diz-lhe: «Pai, quero confessar-me; ouve o meu pecado. ⁸Eu morri, de facto, e deveria estar agora encerrada numa escura masmorra por não ter confessado o pecado que desejo revelar-te, mas, ⁹S Francisco, de quem sempre fui muito devota, orou por mim e foi-me concedido voltar ao corpo para poder confessar-me e obter o perdão do meu pecado. ¹⁰Logo que o tenha confessado, partirei na vossa presença para o descanso prometido». ¹¹A tremer, confessa-se ao sacerdote

³³ Js 23, 14.

que treme também. E, recebida a absolvição, torna a recostar-se no leito, adormecendo tranquilamente no Senhor³⁴.

¹²Perante este milagre, quem poderá celebrar condignamente a bondade de Cristo? ¹³Quem poderá enaltecer bastantemente a eficácia da confissão e os méritos do Santo?

41. Em Celano, um cavaleiro (=LM 11,4).
42. Em Roma, um menino de sete anos (= LM mil. 2,4).
43. Em Nocera Umbra, um menino (=LM 2,3).
44. Em Cápua, um menino afogado (=LM mil. 2,5).
45. Em Sesa Aurunca, um jovem esmagado (=LM mil. 2,6).
46. Em Pomarico, uma menina (=LM mil. 2,2).
47. Em Sicília, um jovem esmagado num lagar (=LM mil. 2,7).
48. Na Alemanha, ressuscitou um morto (=LM mil.2,8).

CAPÍTULO VIII

Desastres evitados por sua intercessão

49. Em Roma, queda de um homem do alto de uma torre (=LM mil. 3,1).
50. Em Pofí, um sacerdote em perigo de se afogar (=LM mil 3,2).
51. Em Celano, queda de um menino ao poço (=LM mil. 3,3).
52. Em Ancona, cura de uma menina (=LM 3, 11).
53. Em Neptuno, mulher salva da derrocada de uma casa.
54. Em Corneto, um menino salvo em iguais circunstâncias (=LM mil. 3,5).
55. Em Corneto, um menino que tinha engolido um alfinete.
56. Em Ceprano, um ferido grave (LM mil 3,9).
57. Em Lentini, um canteiro esmagado (=LM mil. 3, 6).
58. Em São Severino, idêntica cena (=LM mil. 3,7).

³⁴ Esta cena encontra-se representada num fresco de Giotto, na basílica de Assis.

59. Em Gaeta, um pedreiro esmagado por uma viga (=LM mil.3,8).

60. Em Peschici, fornecimento de pedras para a construção da igreja.

61. Em San Gemignano, cura de um jovem moribundo (=LM 3,10).

62. Em Piazza Armerina, idêntico milagre.

63. No mesmo lugar, queda de um jovem num barranco.

64. No mesmo lugar, uma mulher tuberculosa.

65. Em Rete, um menino doente.

66. Em Trapani, um moribundo.

67. Em Todi, um menino às portas da morte (=1C 139).

68. Queda grave de um jovem (=1C 140).

69. Em Arezzo, um menino com tumores e febre (1C 140).

CAPÍTULO IX

Hidrópicos e paralíticos

70. Um hidrópico, em Fano (1C 141).

71. Um paralítico, em Gúbio (=1C 142).

72. Uma jovem paralítica de Arpino, curada em Vicalvi.

73. Um jovem paralítico, em Arpino.

74. Uma jovem epiléptica, em Poggibonsi.

75. Pedro Mancanella, paralítico, em Gaeta.

76. Um artrítico, em Todi.

77. Bontadoso, curado da gota (=1C 142).

78. Uma paralítica (=1C 141).

79. Um jovem hidrópico, em Narni (=1C 141).

80. Uma mulher que tinha a mão mirrada, em Narni (=1C 141).

CAPÍTULO X

Naufrágios

81. Navio em perigo, nas proximidades de Barletta (=LM mil. 4,1).

82. Milagre da água doce e da tempestade aplacada (=LM mil 4,2).

83. O irmão Tiago de Rieti, salvo de afogamento (=LM mil. 4,3).

84. Cinco passageiros salvos num naufrágio, no lago de Rieti.

85. Uma tripulação de Ancona salva da tempestade (=LM mil. 4,5).

86. O irmão Boaventura. Um irmão de Ascoli (=LM mil. 4,4).

87. Um cidadão de Pisa e toda a tripulação.

CAPÍTULO XI

Presos postos em liberdade

88. Na Grécia, um homem injustamente condenado (=LM mil. 5,1)

89. Em Massa Trabaria, um pobre encarcerado por causa de dívidas (=LM mil. 5,2).

90. Evasão milagrosa de cinco dignitários.

91. Alberto de Arezzo, injustamente encarcerado por causa de dívidas (LM mil. 5,3).

92. Um jovem de Città di Castello.

93. ¹Ocupando a cadeira do bem-aventurado Pedro o senhor papa Gregório IX, foi necessário voltar a empreender em vários países a cruzada contra os hereges. ²Entre estes, foi capturado em Roma um tal Pedro, da cidade da Alife (Caserta), suspeito de hereisia. ³O senhor papa Gregório confiou-o à custódia do bispo de Tivoli, o qual, ⁴devido mantê-lo vigiado, sob pena de perder a diocese, meteu a ferros o seu prisioneiro.

⁵Mas a simplicidade deste último de tal modo lhe abonava a inocência, que os guardas lhe mitigaram os rigores do cárcere.

⁶ Alguns nobres da cidade, ao que se diz por inveterado ódio do bispo e suspirando vê-lo incorrer na pena com que o papa o ameaçava, aconselharam secretamente o pobre Pedro a fugir da prisão.

⁷ O prisioneiro satisfez-lhes os desejos e, certa noite, fugiu apressadamente para muito longe dali.

⁸ Quando o bispo soube do caso, ficou em extremo irritado, tanto pela pena que o esperava, como por ver desse modo satisfeito o desejo dos inimigos. ⁹ Toma diligentemente as precauções que se impõem, envia emissários em todas as direcções, e, encontrando o homem, mete-o, por ingrato, em prisão vigiadíssima. ¹⁰ Preparada sombria masmorra cercada de espessos muros, é o desgraçado metido entre grossas tábuas pregadas com robustos cravos rebitados, prendem-lhe aos pés grilhetas de ferro com o peso de muitas libras e racionam-lhe o pão e a água.

¹¹ Assim perdeu o triste qualquer veleidade de evasão e esperança de liberdade. ¹² Mas Deus, que não permite a morte do inocente, acode logo bondosamente em sua ajuda. ¹³ Recordando-se o infeliz de ser aquele dia a véspera da festa de São Francisco, põe-se a invocá-lo com orações entrecortadas de lágrimas e a pedir-lhe que se compadeça dele. ¹⁴ Era grande a confiança que depositava no Santo, porque, conforme ele próprio dizia, ouvira muitas vezes os hereges ladrar contra ele. ¹⁵ Ao cair a noite da sua festa, Francisco, apiedado, baixa ao cárcere e, chamando o preso pelo seu nome, ordena-lhe que se levante rapidamente.

– ¹⁶ Quem és tu? – perguntou espavorido o preso.

– São Francisco – ouve ele responder.

Chama então um guarda e diz-lhe:

– ¹⁷ Tenho medo; sinto-me confuso... Alguém ordena que me levante, dizendo ser São Francisco.

– ¹⁸ Deita-te, desgraçado, e deixa-nos em paz – impôs o guarda. – Bem se vê que hoje comeste pouco. Deliras, é o que é...

¹⁸ Mas como o santo de Deus insistia para que se levantasse, o preso, por volta do meio-dia, vê as grilhetas caírem-lhe dos pés em pedaços, as tábuas da prisão abrirem-se, os cravos saltarem pelos ares, franqueando-lhe o caminho da liberdade. ¹⁹ Solto mas aturdido, não sabe como fugir. ²⁰ Estando à porta, põe-se a gritar, espantando os guardas, que logo correram ao bispo a avisá-lo da

evasão do prisioneiro. ²¹O bispo, desconhecendo ainda o milagre, julgou que o preso tivesse tomado a iniciativa da fuga. Transido de pavor, cai a prumo da sua cadeira de doente, ²²mas logo informado da verdade dos factos, vai devotamente ao cárcere e, ante a evidente manifestação do poder de Deus, ali mesmo adora o Senhor.

²³Por último, foram as grilhetas levadas à presença do papa e dos cardeais que, face ao acontecido, muito se maravilharam e bendisseram a Deus.

94. Guidalotto, de San Geminiano, falsamente acusado de envenenamento (=LM mil. 5,5).

CAPÍTULO XII

Mulheres socorridas em dores de parto. Incrédulos punidos.

95. Uma condessa dalmata (= LM mil. 6,3).

96. Uma romana, Beatriz de seu nome (= LM mil. 3,2).

97. Juliana, de Calvi, na Úmbria (= LM mil. 6,3).

98. Uma mulher de Viterbo (=LM mil. 6,4)

99. A esposa de um juiz de Tivoli (=LM mil. 6,3).

100. Paralisia padecida por uma criada, em Mans (=LM mil. 9,2).

101. O mesmo castigo numa mulher de Campanha

102. Loucura súbita e cura de uma mulher de Valladolid (=LM mil. 9,2).

103. Paralisia facial numa filha de Piglio (= LM mil. 10,3).

104. Enfermidade da filha de Mateus de Tolentino.

105. Em Pisa, um recém-nascido que sua mãe quis se chamasse Francisco.

106. Uma mulher de Arezzo (= LM mil. 6,5).

107. Na Sicília, milagre do sangue na farinha.

108. Uma mulher de Arezzo (1C 63).

CAPÍTULO XIII

Hérnias curadas

109. O irmão Jacobo de Iseo (= LM mil 8,2).
110. Um habitante de Pisa.
111. Um morador de Cisterna di Roma.
112. Nicolau, capelão di Ceccano.
113. Um habitante de Spello (= 1C 144).
114. João, jovem da diocese de Sora.
115. Pedro, siciliano.

CAPÍTULO XIV

Cegos, surdos e mudos

116. O irmão Roberto, cego, de Nápoles (= LM mil. 7,1).
117. O cavaleiro Gerardo, cego, em Zacanti (= LM mil. 7,7).
118. Uma mulher cega, em Tebas, Grécia (= LM mil. 7,2).
119. Um rapaz de catorze anos, vesgo, em Pofi (= LM mil 7,3).
120. Um sacerdote sinistrado do olho esquerdo, em Castro dei Volsci (= LM mil. 7,4).
121. Uma mulher cega, em Narni.
122. Pedro Romano, cego, em Monte Gárgano (=LM mil. 7,5).
123. Um jovem cego de nascimento (=LM mil. 7,6).
124. Uma jovem cega, em Bevanha (=LM 12,20).
125. Um jovem surdo-mudo em Castel della Pieve (=1C 147-148; LM mil. 8,1).
126. Uma mulher muda, na Apúlia.
127. Uma mulher muda na diocese de Arezzo.
128. O juiz Alexandre, mudo (=LM mil. 9,4).
129. Castigo do cavaleiro Gineldo, de Borgo San Sepolcro (=LM mil. 9,3).
130. Sibila, cega, curada no sepulcro do Santo (=1C 136).
131. Uma jovem cega de nascimento, em Vicalvi.
132. Uma cega, em Arezzo.
133. Um jovem cego, em Arezzo.

134. Um cego de Spello (=1C 136).
135. Uma cega, em Poggibonsi.
136. Uma cega de Camerino (= 136).
137. Uma Cega de Gúbio (=1C 136).
138. Um cego de Assis (1C 136).
139. Albertino de Narni, cego (=1C 136).
140. A jovem Villa, paralítica e muda (=1C 149).
141. Um mudo, da diocese de Perúsia (=1C 149).
142. Uma mulher com a garganta obstruída por um seixo (=1C 150).
143. Bartolomeu de Arpino, curado da surdez.
144. Uma muda, em Piazza Armerina (Sicília).
145. Um sacerdote, louco e mudo, em Nicosia (Sicília).

CAPÍTULO XV

Leprosos e afectados de hemorragia

146. Em São Severino, o jovem Atto, leproso (=1C 146).
147. Bom Homem, de Fano, paralítico e leproso (=1C 146).
148. Rogata, mulher nobre, da diocese de Sora (=LM mil. 8,6).
149. Uma mulher da Sicília.

CAPÍTULO XVI

Loucos e possessos

150. Pedro de Folinho, possesso (=1C 137).
151. Uma mulher de Narni, possessa (=1C 138).
152. Uma louca e epiléptica, em Marítima (= LM mil. 8,3).
153. Uma jovem possessa, em Nórcia.
154. Uma jovem epiléptica.
155. Uma possessa, em Sangemini (=1C 69).
156. Uma possessa, em Città di Castello (=1C 70).

CAPÍTULO XVII

Deformações e fracturas

157. Uma criança com o pé disforme, no condado de Parma.

158. Um pequeno monstro, em Scoppito, nos Abruzos (=LM mil. 10,5).

159. ¹Um morador de Cori, na diocese de Óstia, tinha perdido por completo o uso de uma perna, pelo que não podia caminhar nem mover-se. ²Mergulhado em profunda tristeza, e já nada esperando do auxílio dos homens, pôs-se uma noite a desfilar as suas desgraças diante de S. Francisco, como se o estivesse a ver: «Ajuda-me, S. Francisco! Lembra-te dos serviços que te prestei e da devoção que sempre tive por ti. ³Levei-te no meu burro, beijei os teus santos pés e as tuas santas mãos, fui sempre teu devoto, sempre te quis bem, mas agora, como vês, estou condenado a morrer com estas dores insuportáveis».

⁴Comovido com tais lamentos e recordado dos favores recebidos, aparece o Santo, na companhia de um irmão, à cabeceira do infeliz que não conseguia conciliar o sono. ⁵Diz-lhe que está ali chamado por ele e lhe traz o remédio que o vai curar. Toca-lhe no sítio da dor com um pequeno bastão em cuja extremidade se vê o sinal do *Tau*, e instantaneamente se lhe desfaz o abcesso. ⁶Recobrada a saúde, ainda hoje se pode ver o sinal do *Tau* no lugar onde o Santo lhe tocou.

⁶ Este sinal usava-o ele também para assinar as suas cartas, sempre que, por dever ou caridade, tinha que expedir alguma mensagem.

160. Uma deformação cervical (=1C 127).

161. Um criado coxo, do condado de Narni (=1C 128).

162. Nicolau de Folinho, estropiado (= 129).

163. Um menino tolhido (=1C 130).

164. Um tolhido, com as pernas aderidas às nádegas, em Fano (=1C 131).

165. Uma menina paralítica, em Gúbio (= 1C 134).

166. Um menino paralítico, em Montenero (=1C 133).

167. Um tolhido, em Gúbio (=1C 134).
168. Riccomagno, com elefantíase, na diocese de Volterra.
169. Duas mulheres da mesma diocese, Verde e Sanguina, paralíticas.
170. Jacobo de Poggibonsi, disforme.
171. Uma mulher com a mão ressequida, em Vicalvi.
172. Uma mulher paralítica, em Cápua.
173. Bartolomeu de Narni, tolhido (1C 135).
174. Um hidrópico de oito anos, na diocese de Rieti (=LM 12, 9).
175. Um menino tolhido, em Toscanella (=1C 65).
176. Pedro de Narni, paralítico (=1C 66).
177. Uma mulher de mãos retorcidas, em Gúbio (=1C 67).
178. Tiago, jovem tolhido, em Orte (=LM 12,9).
179. Um escrofuloso, em Orte.
180. Um jovem tolhido, em Città di Castello.

181. ¹Praxedes, famosíssima entre as religiosas de Roma e do território romano, desde mui tenra idade se acolhera a uma cela estreitíssima e havia já quarenta anos que nela vivia por amor do seu Esposo eterno. Gozava também ela da singular amizade de São Francisco. ²Tinha-a recebido o Santo à obediência – coisa não outorgada a nenhuma outra mulher – e concedido o hábito da religião, ou seja, a túnica e o cordão.

³Um dia, subindo ela o terraço da pequena cela por qualquer das suas lides, teve um desmaio, deu um passo em falso e caiu desastradamente no chão. Em consequência da queda, fracturou uma perna e um pé e deslocou um ombro. ⁴Mas a virgem consagrada a Cristo, que tantos anos tinha vivido sem querer pôr os olhos em criatura alguma e mantinha o firme propósito de jamais ver alguém, jazendo agora por terra como um cepo, rechaça decididamente qualquer auxílio e não sabe a quem recorrer. ⁵Já alguns religiosos a tinham antes aconselhado a deixar aquele isolamento, e até um cardeal a tinha convidado a aceitar a companhia de alguma outra mulher consagrada a Deus, tanto mais que, vivendo só, corria o risco de morrer abandonada, sem assistência. ⁶Ela, porém, recusava terminantemente tais propostas e lá se ia aguentando como podia, para não faltar ao voto, custasse o que custasse.

⁷ Volta-se então fervorosamente para a bondade de Deus e, ao anoitecer, queixa-se afectuosamente a São Francisco: ⁸ «Meu Pai santíssimo, tu que a tantos tens valido que nem sequer conheceste em vida, por que não me vens socorrer nesta desgraça, a mim que tanto distinguias em vida com o favor da tua dulcíssima amizade, embora dela fosse indigna? ⁹ Como vês, Pai santo, estou na alternativa de faltar ao voto ou de sofrer a morte».

¹⁰ Enquanto ela revolvia estes pensamentos em seu coração e assim os exprimia a seu modo, redobrando com suspiros estes sentimentos bem dignos de compaixão, cai de repente num sono profundo e entra em êxtase. ¹¹ O benigníssimo Pai, revestido com as suas alvíssimas e refulgentes vestes gloriosas, desce então à obscura prisão da sua cela e assim lhe fala enternecidamente: «Levanta-te, filha bendita; levanta-te e não temas! ¹² Recebe o dom da tua completa cura e continua a guardar inviolável o teu propósito». ¹³ Pegando nela pela mão, levantou-a e desapareceu.

¹⁴ Pondo-se ela a caminhar de um para outro lado na acanhada cela, não acaba de compreender o que lhe fizera o servo de Deus, pois julga estar sonhando. ¹⁵ Por fim, abeirando-se da janela, faz o sinal do costume. ¹⁶ Imediatamente acorre um monge, que, deveras surpreendido, lhe pergunta: «Que aconteceu, madre, para que tenhas podido levantar-te?» ¹⁷ Mas ela, julgando sonhar ainda e não o reconhecendo, pede que lhe levem lume. ¹⁸ E quando lho levam, vem ela a si e, liberta enfim de qualquer padecimento, conta em pormenor quanto lhe havia sucedido.

CAPÍTULO XVIII

Outros milagres

182. ¹ Havia na diocese de Sabina uma octogenária, mãe de duas filhas. Uma delas morreu e, como tivesse deixado um menino por criar, logo a avó o confiou à outra filha. ² Mas esta, tendo engravidado, não o podia amamentar. ³ Não se encontrou ninguém que criasse o pobre orfãozinho, ninguém que desse à esfaimada criança uma gota de leite sequer. ⁴ Lamenta-se e sofre a anciã à conta do netinho. Angustiada com tão dura pobreza, não sabe a quem dirigir-se. ⁵ Definha a criança, quase desfalece e, com ela,

desfalece também a pobre avó. ⁶ Vagueia então pelas ruas e vielas, bate a todas as portas, todos conhecem o seu tormento, mas não há quem lhe ouça os angustiados apelos. ⁷ Certa noite, na ânsia de calar os vagidos da pobre criatura, aplica-lhe aos lábios o seio emurchecido e, banhada em lágrimas, pede ajuda e conselho a Francisco. ⁸ Acode sem demora aquele que tanto amava a inocência das crianças e, com a sua habitual compaixão pelos infelizes, condói-se da aflita anciã e diz-lhe: «Eu sou Francisco a quem invocaste com tantas lágrimas. ⁹ Leva os teus peitos à boca do menino, que o Senhor te dará leite em abundância». ¹⁰ Obedece a velhinha à ordem do santo e logo os peitos duma octogenária deram leite com fartura. ¹¹ O caso foi conhecido e admitido por todos, porque os olhos fazem fê. Enorme foi o espanto, ao verem que uma velhice tão avançada recobrava a louçania juvenil. ¹² Acorre imensa gente a observar o prodígio, entre ela o conde da província que, não dando crédito aos rumores que circulavam, ¹³ teve que se render à evidência, quando a encarquilhada anciã esguichou um forte jacto de leite para cima do conde que a estava a aborrecer com perguntas, e, assim aspergido, dali se afugentou.

¹⁴ Todos louvaram o Senhor, que faz tão grandes maravilhas e deram largas à sua devoção pelo seu servo Francisco. Com tão admirável alimento foi o menino crescendo rapidamente, muito para além do que lhe correspondia em idade.

183. Cura de um boi (=LM mil.10,3).

184. Em Espoleto, restituição roubada (=LM mil. 10,3).

185. Em Antrodoco, reparação de uma bacia partida (=LM mil. 10,3).

186. Em Monte dell’Olmo, conserto de uma relha de arado (=LM mil. 10,3).

187. Cura de Mateus, clérigo de Vicalvi, envenenado (=LM mil. 3,12).

188. Em Sena, cura de Nicolau (de um tumor na mandíbula).

189. Em Sahagun, uma cerejeira reverdecida (=LM mil. 10,2).

190. Em Vilasilos, desaparecimento do mildio (=LM mil. 10, 2).

191. Em Palência, desaparecimento do gorgulho num celeiro de trigo (=LM mil. 10,2).

192. Em Petramala, contenção de uma invasão de sapos (=LM mil. 10,2).

193. Em Galete, cura de uma fistula mamária.

194. Na Grécia, cura de uma úlcera.

195. Um irmão epiléptico curado com o sinal da cruz (=1C 68).

196. Um irmão curado de fistula inguinal.

197. Cura de um homem atingido por uma flecha (=1C 143).

198. ¹Estes os milagres com que a imensa bondade de Cristo Senhor confirmou a verdade de tudo quanto se escreveu e divulgou sobre São Francisco, o santo de Deus e nosso Pai. Como julgo absurdo submeter aos juízos humanos o que foi corroborado com prodígios divinos, ²a todos eu peço e rogo, com a humildade que a um filho de um tal Pai convém, se dignem ouvir e aceitar estes testemunhos com a reverência que merecem. ³Embora não tenha eu acertado em descrevê-los como se impunha, não deixam mesmo assim de ser dignos da mais profunda veneração.

⁴Não se atente, pois, na incapacidade do narrador, mas na fé, no amor e no empenho que o animou a escrever. ⁵Não podemos fazer todos os dias coisas novas, nem transformar em quadrado o que é redondo, nem adaptar à múltipla variação dos tempos e das vontades aquilo que recebemos como única verdade num determinado momento. ⁶Se nos lançámos a este trabalho, metendo-nos por entre matéria tão rica e vasta, não foi certamente por capricho, vaidade ou por próprio alvedrio, antes a ele nos forçou a importuna insistência dos irmãos e a autoridade dos superiores que nos intimaram a levá-lo a cabo. ⁷Esperamos de Cristo Senhor a recompensa; de vós, padres e irmãos, benevolência e caridade. Assim seja. *Âmen.*

Terminado o livro, seja Cristo louvado e glorificado.